

Tünde Farrand



TERRA DE LOBOS

«Terra de Lobos irá causar-lhe arrepios com a ideia de um mundo tão cruel e doentio. Tünde Farrand é mestre na criação da distopia e das suas perturbadoras previsões.»

BUZZ MAGAZINE

TOP
SEL
LER

Para o Nick, com amor

PRÓLOGO

Deve ter começado quando a minha macieira floresceu e a da Sofia secou e morreu. Talvez tenha sido então que a Sofia teve, pela primeira vez, a vaga sensação de que não encaixava. O papá costumava dizer que a guerra começava em casa, no seio da família. Não era uma ideia sua; deve tê-la lido num sítio qualquer e sentia-se obrigado a transmitir esse conhecimento às filhas. Demorei 20 anos a alcançar o seu significado, só tendo tomado consciência dele ontem, depois de ter pousado o telefone, uma pessoa totalmente diferente da que lhe pegara um minuto antes. Pergunto-me o que diria o papá agora, se me visse — se nos visse — desta forma, a prepararmo-nos para a batalha final, uma batalha demasiado dolorosa e excessivamente desigual para ser travada no santuário da família.

16 DE JUNHO DE 2050

Nunca tinha estado sozinha numa estação de monocalil. É uma sensação peculiar que não consigo definir. A noção de luxo, a ausência de som. Como se fosse detentora do meu próprio fragmento da Terra.

Na sala de passageiros, os sofás em forma de seixos estão vazios e à espera, o bar, com paredes revestidas a painéis de madeira, tenuemente iluminado. Sente-se uma fragrância de orquídea a ser libertada no ar e, por um instante, sou levada a pensar que é autêntica.

Dez minutos antes, quando chegámos de Londres, os passageiros que viajavam comigo abandonaram apressadamente o monocalil. Saíram a correr para a praça sem se deterem no edifício da estação, que data do século XIX. Trajavam peças de vestuário de bom corte, com os melhores tecidos, sapatos de pele tão macia como manteiga, mas nenhum deles conseguia ocultar o olhar vazio, a servidão seca nos rostos. Uma fila de miniautocarros com vidros fumados engoliu-os como uma boca voraz. Os Proprietários devem pagar-lhes bem para que a longa deslocação de e para o trabalho valha a pena. Além da remuneração financeira, é evidente, há o privilégio de trabalhar diretamente ao serviço dos Proprietários. Um privilégio que não tem preço.

A praça parece tão abandonada como a estação. Há uma rua principal que atravessa a pequena cidade e pequenas ruas secundárias que saem desta, todas orladas por moradias vitorianas geminadas

de traça original, funcionando agora como pastelarias e salões de chá tradicionais. Não é a primeira vez que estou longe de uma megacidade, mas a serenidade ainda me surge como uma surpresa. Não se vê viva alma além de mim. Os turistas não costumam chegar antes das 10 horas.

Está um dia de verão inglês perfeito, o que normalmente me dá ânimo, embora hoje isso não aconteça. Para fazer passar o tempo e evitar pensar no suplício que estou prestes a enfrentar, observo os painéis publicitários. Há um à minha esquerda, outro, fixo ao edifício da estação e um terceiro, do lado oposto da rua. Está a ser reproduzido o mesmo vídeo em todos eles. Mostra uma idosa, com uma blusa clara, cor-de-rosa, sentada confortavelmente numa poltrona ao estilo Chesterfield. Por trás dela, uma cortina florida está aberta, revelando uma vista de cortar a respiração. As rosas trepam pelo parapeito, enquanto, ao longe, as colinas ondulantes criam a impressão de um paraíso na Terra. A senhora, que tem uns óculos com armação dourada, inclina-se na direção da câmara. Declara que não podia estar mais feliz e todas as coisas que os residentes de um Dignitorium dizem normalmente. Não quero ver e, no entanto, não consigo desviar os olhos do ecrã. Surge agora um novo residente, de outro Dignitorium, depois outro. Os nomes e os rostos estão sempre a mudar, apenas a mensagem se mantém.

Ao consultar as horas, começo a preocupar-me que se tenham esquecido de mim, e é então que um carro preto comprido se imobiliza à minha frente. Tem o emblema *RR* na frente e uma estatueta diminuta de uma mulher alada. No sistema antigo, estas apelidadas limusinas eram utilizadas sobretudo por presidentes e estrelas de cinema. Sinto-me lisonjeada, até um pouco entusiasmada, mas não tenho a certeza: devo entrar no veículo ou não? As imagens de arquivo de acidentes de automóvel fatais apresentadas no Globo horrorizam-me sempre.

A última vez que entrei num automóvel tinha 7 anos. Ainda era no sistema antigo, em que todos tinham carro. Agora, apenas os

Proprietários os possuem. Dizem que precisam deles para se protegerem dos lobos. Para todas as outras pessoas, há o monocarril.

O motorista sai do carro e olha em volta, de olhos semicerrados por causa da luz do sol. Andará pelos seus 50 anos e tem rugas vincadas ao longo da testa; parece um tipo de confiança. No seu fato preto imaculado, com chapéu e luvas brancas a combinar, transpira profissionalismo. Como os mordomos que vi em séries e filmes dramáticos de época, parece ter dificuldade em voltar a cabeça, como se tivesse engolido uma vara. Cumprimenta-me com uma vénia delicada, evitando olhar-me nos olhos. Se imaginasse que eu tenho mais medo do empregador Proprietário dele do que ele próprio; que eu não sou uma colega Proprietária, mas uma pessoa impotente que está a tentar desesperadamente não desperdiçar a sua derradeira hipótese de sobreviver.

— Senhora Alice Brunelli? — pergunta-me, e quando eu assinto, ele verifica a minha identidade no seu *ID Phone*. A minha fotografia oficial foi-me tirada há três anos, e pergunto-me — após os últimos meses — se continuo parecida com aquela mulher jovem codem cabelo louro cor de mel, pele de porcelana e um sorriso alegre e travesso. Ou — suportando o sofrimento como uma peça de antiguidade suporta as marcas da passagem dos séculos — ter-se-á o meu rosto tornado irreconhecível?

Ele acena com a cabeça e abre-me a porta do automóvel. Deve gostar de me ver a esforçar-me para conseguir entrar. A porta parece estar na minha frente. Dou o meu melhor para imitar o que vi em filmes antigos, subir de lado, sem bater com a cabeça nem tropeçar. Recuso a ajuda dele.

— Está confortável, minha senhora? — pergunta. Nota-se-lhe um leve indício de simpatia no tom, agora que percebeu que sou do mesmo tipo do seu, uma mera mortal.

Dentro do veículo, uma luz azulada suave ilumina o interior preto. O assento de couro frio deixa-me os braços arrepiados, com o frio a infiltrar-se nas minhas calças de linho e na blusa. O aroma revela uma nova dimensão, um reino de privilégio, de opulência.

Em quaisquer outras circunstâncias, ficaria entusiasmada, mas, pelo contrário, sinto-me pouco à vontade. Este é um mundo estranho, estranho e hostil.

Quando a limusina se aproxima da vedação vermelha de alta segurança, o portão começa a deslizar para o lado, depois fecha-se imediatamente atrás de nós. Estamos a entrar na abominável terra de lobos. Espreito pelo vidro fumado, tentando vislumbrar alguns deles, mas depois lembro-me de que não gostam de se aproximar dos veículos. A paisagem vai mudando à medida que a cidade desaparece nas nossas costas. A estrada começa a subir e depressa chegamos ao cimo da colina; ao olhar para baixo, apercebo-me de como estamos perto da costa, a apenas alguns quilómetros do azul prateado que parece fluir para lá do horizonte. Não me devia surpreender; ainda em criança, a Sofia sentia-se atraída pelo mar. Há algo de surreal no movimento do carro — como se fosse capaz de voar —, em ver a estrada à nossa frente, a correr, a curvar, e depois a serpentearmos pelo meio de uma floresta. Mas não me agrada a velocidade, e estou quase a suplicar ao motorista que abrande. Mais uma vez, recordo-me dos corpos exibidos no Globo, quebrados e encharcados em sangue, e de um documentário recente que evidenciava a quantidade de espaço vital que as estradas costumavam ocupar, bem como o impacto desastroso dos automóveis no ambiente. Há uma curva acentuada; tenho de me agarrar ao assento. Primo um botão à minha esquerda e falo para o intercomunicador.

— Pode abrandar a velocidade, por favor?


A expressão dele no espelho sugere que não compreendeu.

— Não estou habituada a circular a esta velocidade.

Por um segundo, parece querer dizer alguma coisa, mas depois a sua face regressa a uma máscara rígida, e é então que reduz a velocidade. Continua a ser um pouco rápido, mas não lho quero voltar a pedir.

— Quando chegamos?

— Estaremos lá dentro de aproximadamente vinte minutos, minha senhora.



Consulto o mapa no meu *ID Phone*, mas todas as áreas que pertencem aos Proprietários — tudo o que existe para lá da vedação vermelha — aparecem esbatidas. Quanto mais nos aproximamos do nosso destino, mais depressa o meu coração bate, e as palmas das minhas mãos estão tão transpiradas que deixam manchas húmidas no couro macio.

Como é que alguma vez ousei pensar que a minha irmã me iria ajudar? Relembro aquela noite, há mais de duas décadas. Foi no dia em que eu e a Sofia, as inimigas, nos tornámos em algo muito pior do que isso, algo que não tenho palavras para descrever. Foi a última vez que nos vimos. No passado, cada vez que pensava na Sofia, era sempre dominada pela fúria, mas agora as perguntas confundem-me. Lamentará o que aconteceu? Pensará naquele dia? E quando me consigo esquecer do sofrimento, apenas por alguns segundos — normalmente, logo de manhã cedo, quando estou entre adormecida e desperta, e a minha mente ainda se encontra envolta num nevoeiro branco e espesso —, dou por mim a perguntar-me: como tem sido a vida dela nos últimos vinte anos? Ter-se-á ela — tal como todos nós — deixado moldar e suavizar pelas dificuldades inevitáveis, ou tê-la-ão escudado a riqueza e o estatuto? Sei que para a maioria de nós o tempo vai suavizando as agruras e lança um tom rosado sobre tudo. Mas eu não sou uma dessas afortunadas.

Ao fim de algum tempo, a sensação de o carro ir a flutuar acalma-me os nervos, e uma outra história, anterior, emerge da nuvem de recordações. Eu tinha apenas 9 anos; a Sofia tinha 12.

Foi cerca de um ano após a introdução do novo sistema, apesar de a transição estar longe de terminada. As mudanças drásticas daquela magnitude levam vários anos a implementar, e foram sendo adiadas por aqueles que se lhes opunham. Os oponentes eram uma minoria da população reformada, os suficientemente ricos para escapar aos famosos lares de idosos. Agarravam-se a um sistema antigo, falhado, como crianças a pais abusivos, ou pessoas com síndrome

de Estocolmo que se agarram aos sequestradores. Rejeitavam a nova sociedade e muitos passavam à clandestinidade.

A nossa avó, com 60 e poucos anos, e a rebentar de *joie de vivre*, estava horrorizada com o novo sistema. Dizia preferir enfrentar um processo por parte das autoridades a permitir que lhe implantassem um localizador. Eu, por exemplo, estava entusiasmada com os localizadores, e a Sofia, fascinada com a ciência que lhes estava subjacente, ainda mais, mas a reação da avó era compreensível; ela e as restantes pessoas da idade dela tinham crescido num mundo muito diferente. Por muito que a minha mãe lho tentasse explicar, a avó não conseguia compreender que era para o bem de todos, que se alguma coisa alguma vez lhe acontecesse, poderíamos localizá-la de imediato. Além da avó, a todos nos foi implantado um localizador sob a pele, por trás da orelha esquerda, feliz e voluntariamente, quando o novo sistema foi iniciado. Foi coisa de apenas um segundo, e eu senti-me logo segura, protegida e até orgulhosa.

Nos meios de comunicação social, foi divulgado que, com a ajuda dos localizadores, os criminosos eram detidos poucas horas após a prática dos crimes. Tal como previsto, isto levou a uma queda rápida nas taxas de criminalidade e fez-nos aderir ao novo sistema. Mas não à avó. Ela — tendo sido dona de uma casa, uma raridade na sua geração — chegou a juntar-se a uma manifestação no exterior das Casas do Parlamento, mas foi impedida, e alguns dos participantes foram detidos; a avó escapou por pouco. No Globo, foi anunciado que as autoridades andavam à procura dos «desordeiros».

A mamã, atenciosamente, tentou convencer a avó de que iria ter direito a uma reforma maravilhosa no Dignitorium, colhendo os frutos da sua vida de trabalho, até se sentir preparada. Trouxe-lhe, inclusive, um prospeto lustroso, impresso com letras douradas, mas ela rasgou-o. Mais tarde, nesse dia, eu e a Sofia passámos horas a tentar colar os pedacinhos, imaginando-nos a viver como a realeza entre os muros da grandiosa mansão vitoriana.

— Estou a adorar este novo sistema — disse ela. E eu quase disse que concordava, quando me veio à mente o rosto choroso da nossa avó.

— Sim. Mas coitada da avó...

— Não me digas que não gostarias de viver num lugar daqueles, quando te reformasses.

— Não sei. — Encolhi os ombros.

— Então, como queres morrer?

— Nunca pensei nisso. Não quero morrer.

— Não é uma escolha, princesa — disse ela, e eu senti-me, como sempre me sentia quando iniciava uma conversa com ela, uma grande idiota. Na escola, ela era excelente em Ciências e tinha ficado em primeiro lugar num concurso nacional. Até tinha uma divisão minúscula no nosso sótão, que era o «laboratório» dela. Ambicionava ser cientista. Eu, quase até à maioridade, não tinha a mínima ideia do que queria fazer.

A avó fugiu da sua casa antiga na noite anterior ao início dos despejos por parte das autoridades. A casa dela — como a maior parte das casas construídas no sistema antigo — não era suficientemente bonita nem prática para ser conservada; transformaram aquele bairro numa área bonita para os Grandes Consumidores.

A avó veio viver connosco. Chegou apenas com uma mala de roupa e o álbum de fotografias do seu casamento. Deixou tudo o resto para trás. Nós ainda vivíamos na nossa casa antiga, enquanto aguardávamos que a nossa área de Consumidores Médios estivesse concluída. Eu estava sempre a imaginar a nossa futura casa; a mamã dizia que as casas novas seriam mais atraentes e adequadas do que quaisquer habitações da História da Humanidade. Estávamos extremamente encantados com a casa para Consumidores Médios que nos iria ser atribuída mal a construção terminasse. O papá tentou explicar-nos, a mim e à Sofia, ao nosso nível, o motivo pelo qual o mundo antigo colapsara. Apesar de ter apenas 9 anos, percebi que as solicitações cada vez maiores colocadas sobre o Estado-Providência pelos mais velhos e pelos doentes haviam conduzido ao empobrecimento da maioria que trabalhava arduamente. Ainda consigo sentir o entusiasmo no ar por irmos receber uma casa gratuitamente; lembro-me da cobertura constante por parte dos meios de

comunicação social, de pessoas desconhecidas a abraçarem-se umas às outras nas ruas, de homens adultos a chorar de alegria por a crise económica e da habitação ter sido solucionada de vez. Em troca, só tínhamos de consumir.

No sistema antigo, a nossa família era afortunada, porque o papá herdara uma casa, mas quando eu visitava alguns dos meus amigos, via a pobreza em que viviam, duas ou três famílias a partilhar uma casa, mães e bebês amontoados em estúdios minúsculos. Com exceção dos remediados sem rendimentos, como a minha avó, todos aclamavam o novo sistema. A maioria da população ativa, que antes vivia como escrava da renda da casa, elogiava a dádiva do emprego e da habitação garantidos nas megacidades regeneradas. Os pensionistas foram libertados das condições sub-humanas dos lares de idosos, nos quais haviam sido mantidos como animais, com dez deles a partilhar o mesmo quarto, amontoados em dois enormes colchões encharcados de vomitado e de urina, famintos e, até, espancados pelos funcionários. Após a mudança de sistema, foi-lhes proporcionada uma qualidade de vida inaudita nos Dignitoriums acabados de construir.

A avó recusava ser designada pessoa sem rendimentos, embora nós lhe disséssemos que, mesmo assim, continuávamos a amá-la. Estava em nossa casa havia dois dias, a ocupar o «laboratório» da Sofia, quando as autoridades nos vieram visitar, para nos fazerem perguntas sobre ela. Na verdade, ela saía nessa noite para ir a uma reunião com outras pessoas sem rendimentos. Pediram-nos que os contactássemos assim que ela regressasse, agradeceram-nos educadamente e saíram.

É claro que a minha mãe e o meu pai sabiam que os receios da avó não tinham quaisquer fundamentos — todos nós o sabíamos —, mas, estranhamente, nenhum de nós a conseguiu entregar. Quando a olhámos nos olhos, o terror com que deparámos era mesmo muito real. Suponho que seja como segurar um passarinho nas mãos. Apesar de sabermos que não o vamos magoar, ele não o sabe. Com 9 anos, aprendi a valorizar o poder do medo.

Estávamos preparados para defender a avó, se necessário fosse, mas eles não voltaram. Tínhamos esperanças de que se tivessem esquecido dela. À noite, depois da escola, jogávamos às cartas ou jantávamos juntos. Fazíamos os possíveis por a deixar feliz, mas ela dizia sempre que se sentia uma prisioneira. Um dia, na cozinha, quando a avó não estava a ouvir, a mamã disse ao papá que a avó não era uma verdadeira prisioneira, apenas uma prisioneira do seu próprio medo. Nessa noite, perguntei à Sofia o que significava ser-se uma prisioneira do medo.

— Não irias compreender — respondeu-me ela. — Mas posso dizer-te que é bem pior do que estar detido numa prisão verdadeira.

A avó devia estar em nossa casa há dois meses quando, numa tarde, as autoridades voltaram. As três oficiais jovens — de fala gentil e suave — entraram e, depois de uma saudação calorosa, dirigiram-se diretamente ao quarto dela. Paralisada, escondi-me no patamar das escadas enquanto elas ficaram paradas diante da porta, a sorrir para a avó. Ela ficou pálida, mas o seu medo era desnecessário, porque elas foram bastante compreensivas. A chefe, uma mulher pequena, com um rosto em forma de coração, sentou-se na cama, ao lado da avó, e explicou-lhe pacientemente por que razão ali estavam.

— É do seu interesse, senhora King, que escolha já. Ou começa a ganhar o seu Direito de Residência, como toda a gente, ou se retira para o Dignitorium. A escolha é sua. Tenho o prazer de lhe anunciar que acabámos de concluir uma área bastante acolhedora para Pequenos Consumidores, onde o Direito de Residência num estúdio encantador é bastante acessível. Estou certa de que, com a ajuda da sua família, pode lá passar alguns anos maravilhosos, antes de se reformar. Até poderia fazer um qualquer trabalho em tempo parcial.

A avó quase explodiu.

— Como se atrevem! Trabalhei a vida inteira! Paguei para ter uma pensão decente durante quarenta anos. Nós tínhamos a nossa casa própria. Quero a minha casa e a minha pensão de volta.

— Lamento ver como este assunto a perturba, senhora King — afirmou a oficial-chefe com uma preocupação autêntica na voz. — A senhora, como muitas pessoas do seu grupo etário, não consegue perceber, e eu não a culpo por isso, que esses tempos pertencem ao passado. Agora temos um sistema novo, mais sustentável. Faça-me as perguntas que desejar. Estamos aqui para a ajudar a tomar a decisão certa.

— Não quero viver num apartamento. E o Governo vai compensar-me por me ter tirado a minha casa?

— Minha cara senhora King — disse pacientemente a oficial —, se tivéssemos de compensar toda a gente, não disporíamos de recursos para a nossa sociedade nova e melhorada. Voltaríamos ao ponto em que nos encontrávamos. Seguramente, não é o que deseja.

— É claro que é isso que eu quero. Eu quero que tudo seja precisamente como era.

A mulher suspirou e trocou olhares com os restantes de nós.

— Como pode dizer que quer que tudo seja precisamente como era? Senhora King, concordo que, no antigo sistema, a senhora era muito afortunada, mas, com certeza, terá noção de como a maioria das pessoas sofria. De como era negada às pessoas uma vida decente, com o país falido a tentar cuidar dos idosos, dos desempregados e dos doentes. Pense no futuro da sua família, pense nas suas netas — disse, acenando com a cabeça na minha direção e na da Sofia.

A avó parecia baralhada e ainda incapaz de decidir fosse o que fosse.

A oficial retirou da mala de mão um dispositivo que parecia uma pistola de plástico volumosa. A avó gritou que não permitia que colocassem aquela coisa perto dela. Eu desejava aproximar-me, abraçá-la e dizer-lhe que o localizador não lhe iria provocar dor, mas o meu pai segurou-me suavemente. A minha mãe pediu para falar com ela em privado, e saímos todos do sótão.

Enquanto aguardávamos na sala de estar, as oficiais mostraram-nos um breve filme que tinha sido elaborado a pensar nas famílias. O documentário começava por explicar a psicologia do medo do

desconhecido e que este tipo de medo — como todas as formas de degradação — vai crescendo com a idade. Explicava o que acontece com os nossos corpos e cérebros à medida que vamos envelhecendo. A meio da exibição, uma oficial pediu-nos, a mim e à Sofia, que desviássemos o olhar, porque as imagens poderiam ser perturbadoras para nós. Assim fiz, mas não a Sofia; ela continuou a olhar, interessada, para os inúmeros centenários que apareciam deitados, impotentes e seminus, sobre os seus próprios dejetos. Sei-o porque voltei a olhar por segundos, quando o papá não estava a ver. «Se não deixamos os animais sofrer, porque o faríamos aos nossos próprios pais?» O slogan foi repetido muitas vezes e levou o meu coração a contrair-se de dor ao pensar no que iria acontecer, em breve, ao corpo envelhecido da avó.

— Em que idade é que acontece? — perguntou a Sofia.

— Nunca sabemos ao certo, mas sem dúvida que vai piorando consideravelmente a partir dos 60 anos.

A idade da avó, pensei.

— E a deterioração é gradual ou súbita? — perguntou a Sofia.

A mulher ficou evidentemente surpreendida por uma rapariga de 12 anos utilizar aquela linguagem. Olhou de lado para o papá.

— A Sofia é a nossa pequena cientista, e tem grandes planos, não é verdade? — Deu-lhe uma palmadinha no ombro, e a Sofia cintilou como uma joia da coroa, depois começou a vangloriar-se das suas esperanças de encontrar uma cura para o envelhecimento. Eu senti ácido a encher-me o estômago.

Por fim, a avó tomou uma decisão. Após uma discussão prolongada, concordou, com relutância, mudar-se para o Dignitorium. Tinha de partir imediatamente, por isso, propuseram levar-nos, de helicóptero, para um próximo, em MW12. As estradas tinham acabado de ser convertidas em zonas pedonais e em ciclovias, mas o monocarril ainda não estava terminado.

Enquanto sobrevoávamos a cidade, era fascinante observar Londres por baixo de nós. A nossa cidade, como todo o país e, na verdade, todo o mundo, estava a sofrer uma transformação total.

Ainda era a nossa cidade, a cidade que amávamos. O Big Ben erigia-se, orgulhoso, ao lado das Casas do Parlamento, os barcos no Tamisa subiam até à Tower Bridge e, ao longe, a cúpula da catedral de São Paulo erguia-se, majestática. Mas estava prestes a surgir uma nova Terra das cinzas da antiga. Do ar, conseguíamos vislumbrar as filas de casas geminadas *back-to-back*¹, as ruas estreitas; uma desordem total. A alguns quilómetros, a visão do novo sistema já se materializara, sob a forma de passeios largos, orlados de árvores, ao longo dos quais se estendiam as ciclovias e a via do monocarril. Deslumbrámo-nos com o primeiro monocarril que vimos, uma serpente metálica de um vermelho cintilante, uma réplica melhorada daqueles que foram utilizados originalmente na Disneylândia.

— Não está mal, mas eu tenho ideias melhores — comentou a Sofia.

Embora se recusasse a admiti-lo, eu conseguia perceber que ela estava enfeitada, de olhos esbugalhados, enquanto ia absorvendo o que via.

— Aqueles são edifícios de Pequenos Consumidores. Os nossos vão ser muito melhores — disse a Sofia, apontando para os blocos de seis e de oito andares, pintados em tons magnólia e terracota, complementados com varandas.

— Os Médios Consumidores têm direito a uma casa decente, com jardim — prosseguiu.

— E se eu quiser um andar?

— Já não se denominam andares, tonta. São apartamentos.

— Muito bem, então e se um Médio Consumidor quiser ter um apartamento?

— Podem tê-lo. Mas são em condomínios de quatro pisos. Cada um deles tem um jardim na cobertura, um parque infantil e uma piscina.

Desconhecia de onde a Sofia retirara toda aquela informação, mas veio a revelar-se acertada. O papá tinha pedido uma casa em

¹ Tipo de construção característica da época vitoriana e da Revolução Industrial, em Inglaterra, na qual as casas geminadas partilham uma parede posterior. [N. T.]

banda, com um jardim agradável na frente e nas traseiras, perto da nossa escola, e foi o que nos atribuíram.

A Sofia encostou o nariz à janela e a sua respiração deixou uma mancha na superfície do vidro. Observei-a por bastante tempo. Estava a admirar-lhe o perfil, o nariz direito que eu tanto invejava, os olhos amendoados e o cabelo comprido que lhe emoldurava o rosto. A sua pele imaculadamente branca nunca ficava manchada do sol. Ela estava a estudar algo na distância, hipnotizada. Segui-lhe o olhar através da janela até um arranha-céus sem janelas, fino e branco como a neve. Ainda só estava parcialmente construído, mas já dominava a linha do horizonte da cidade, como uma torre de vigia.

— O que é aquilo? — perguntei-lhe com um temor respeitoso.

— O Clube Primavera. A área de lazer dos Proprietários. É espetacular, não é?

— O que é que há lá dentro?

— Não faço ideia. — Encolheu os ombros.

Quando relembro a nossa infância, aquela foi uma das poucas coisas que ela alguma vez admitiu desconhecer.

— Os Proprietários vão lá para descontraírem — acrescentou ela, com a voz a recuperar o tom confiante. — Depois do trabalho responsável que fazem.

— Que trabalho?

— Tudo. Criar cidades novas, cuidar das zonas rurais e, o mais importante, proteger-nos dos lobos.

Ao ouvir a palavra lobos, estremecei.

Apesar de a viagem ser uma aventura fantástica, mal podia esperar por chegar. Conseguia adivinhar que a avó já se tinha arrependido da decisão que tomara. Estava a tentar evitar olhar lá para baixo, para a nova Londres, mas quando apontávamos, admiradas, para alguma coisa, ela olhava nessa direção com um descontentamento temeroso. Eu tinha esperanças de que, quando chegássemos ao belíssimo edifício e aos jardins do Dignitorium, ela se acalmasse. Estava sempre a olhar em frente com um ar solene, depois olhou subitamente para mim e para a Sofia:

— Meninas, vocês concordam com aquela mulher?

— Em relação a quê, avó? — perguntei.

— Ao facto de eu ser egoísta. Por querer de volta o sistema antigo.

— Oh, mãe. — A mamã deu-lhe uma palmadinha na mão. — Esqueça aquela mulher. Nós somos a sua família. Amamo-la. Todos compreendemos o difícil que é aceitar as mudanças.

Eu e a Sofia acenámos com a cabeça em simultâneo e devolvemos-lhe um sorriso doce.

— Eu... Eu adoro-vos, meninas — disse a avó com uma expressão grave. — E a última coisa que quero é que pensem o contrário.

A mamã riu-se e abraçou a avó.

— Tomou a decisão certa, e é só isso que importa.

— Vocês as duas querem realmente este novo sistema, não é verdade? — perguntou-nos, melancolicamente, com uma estranha resignação na voz.

Começámos a sobrevoar o Dignitorium. A grandiosa mansão vitoriana de tijolo era extraordinariamente bela, no meio de jardins mágicos e de árvores antigas exuberantes. Até a avó olhou lá para baixo com curiosidade, e, quando chegámos e nos despedimos, parecia mais calma. O que vimos — os jardins, o átrio da receção, o Salão onde nos despedimos da avó antes de a levarem — deixou-nos a todos fascinados. Mal podia esperar por voltar, para a visitar e ouvir todas as suas aventuras.

Na viagem de regresso a casa, todos guardámos silêncio. A mamã esforçava-se bastante por disfarçar que estava a enxugar as lágrimas. A última imagem da avó, a olhar para trás, da porta do Salão, com um sorriso encorajador, mas de certa forma forçado, fez-nos perceber que ela iria deixar de fazer parte da nossa vida quotidiana. Havia esta sensação de perda, até a mamã quebrar o silêncio e nos fazer, a mim e à Sofia, planear um presente fantástico para a avó, que levaríamos na nossa visita seguinte. A Sofia não estava a prestar muita atenção — estava a admirar a vista da nova Londres, lá em baixo —, mas eu adorei a ideia. Disse que podíamos arranjar-lhe versões nossas em bonecas, feitas por encomenda, para ela sentir que

estávamos sempre com ela. A mamã adorou a ideia e encomendou as bonecas mal chegámos a casa.

Mas o papá não conseguia deixar de se questionar sobre o motivo pelo qual as autoridades tinham ido diretamente ao andar superior e ao laboratório da Sofia — como sabiam que ela estava lá?

— Isso agora não interessa — disse a mamã enquanto servia pratos de massa.

— Interessa, sim — respondeu o papá. Não tocou no garfo. — Se estão a monitorizar-nos na nossa própria casa, apresento queixa.

Eu olhei para a Sofia, que estava a navegar no seu *ID Phone*, absolutamente desinteressada da conversa. A mamã pousou ruidosamente o ralador de queijo na mesa.

— Bem, parece-me que exageras. A mamã está agora num lugar seguro, vamos esquecer esse assunto e desfrutar da refeição — disse.

O papá não respondeu. Ficou a olhar fixamente em frente, para o vazio, durante o que pareceram eternidades. Quando falou, a sua voz era invulgarmente calma.

— Não se trata apenas de procurar as escutas, Evelyn — disse ele. — Se estão realmente a espiar-nos, isto é mais grave do que eu pensava. E este novo sistema é mais perigoso do que nos dizem.

Senti que a minha pele toda se arrepiava.

— Não há escutas — disse a Sofia, sem sequer levantar os olhos do *ID Phone*. — Fui eu que denunciei a avó.

As palavras dela ficaram a pairar no ar. Todos olhámos para ela.

— O que é que estás a dizer?

— Fui eu que a denunciei às autoridades. Na verdade, não sei porque demoraram tanto tempo. Já o fiz há dois meses. — Levantou os olhos. — Porque estão todos a olhar para mim dessa maneira? Ela estava a enganar o sistema. Eu denunciaria qualquer pessoa que fizesse o mesmo. — Vi algo antinatural no olhar da minha mãe, como se lhe tivessem acertado com um martelo, mas estivesse a tentar ocultar a dor. O papá olhou para a Sofia, incrédulo, depois para a mamã e novamente para a Sofia. Creio que algo dentro dele se quebrou irremediavelmente nesse dia.

Infelizmente, a avó não gostou do Dignitorium; queria sair e fazer as coisas que estava habituada a fazer, como andar pela feira de antiguidades ou dar passeios pelos montes com o seu grupo de caminhadas. O facto de o seu corpo, em breve, se ir começar a deteriorar não parecia importar-lhe. A avó insistia que podia viver facilmente uma vida em pleno por mais vinte anos. Havia momentos em que quase acreditava nela e ficava baralhada, mas quando as aulas de Cidadania começaram na escola, explicaram-nos que fazia parte da natureza humana resistir ao processo de envelhecimento. Foram-nos apresentados vários exemplos de pessoas reformadas no sistema antigo que não aceitavam a sua deterioração e que, inclusive, se tornavam um perigo para a sociedade. Um conduzia um automóvel praticamente cego e matou um grupo de crianças em idade escolar. Quando ouvi aquilo, percebi que era para o bem de todos nós — sobretudo da avó — que ela aceitasse o novo sistema e que até tentasse desfrutar da reforma de luxo que lhe estavam a oferecer.

Mas quando a mamã, o papá e eu fomos visitar a avó ao Dignitorium, ela estava com um ar envelhecido e muito magra. Reparei como ela tentava esconder as mãos, que tremiam. Contou-nos que estava a organizar um pequeno grupo de residentes como ela para escreverem uma carta ao primeiro-ministro e a algumas personalidades do Globo, em protesto pela situação em que se encontravam. Não teve tempo de levar o seu plano até ao fim.

Apenas duas semanas depois de se ter mudado para lá, recebemos uma chamada de emergência, pedindo-nos que nos dirigíssemos ao Dignitorium. Disseram-nos que tinha sido diagnosticada à minha avó uma forma de cancro em estado muito avançado. Ela tinha solicitado a eutanásia instantânea e o seu corpo já tinha sido cremado. Ficámos em choque. Sabíamos que a avó não teria feito nada daquilo, e jamais sem que nos quisesse ver antes. Mostraram-nos o diagnóstico dela e explicaram-nos com grande detalhe a doença de que padecia. Depois vimos o seu Vídeo de Despedida, no qual ela aparecia sentada numa cadeira, a sorrir e a dizer-nos adeus, dizendo-nos que era aquilo que queria. Explicava que pretendia

evitar o sofrimento do cancro. Esperara poupar-nos ao incómodo e à dor.

O nome da avó, gravado numa placa de prata no muro memorial do jardim do Dignitorium, era o único vestígio dela que nos restava, além da mala e do álbum de casamento. Tudo o que podíamos fazer era voltar, com flores, para junto do muro e chorá-la. A Sofia nunca manifestou qualquer desejo de nos acompanhar, e eu tenho a sensação de que o pai nunca a teria deixado ir, mesmo que ela o tivesse manifestado. A partir do dia em que a traição foi exposta, o papá passou a ser cauteloso quando ela estava presente. Por vezes, era mais do que cauteloso. Eu seria capaz de jurar que era medo.

A limusina abranda à medida que vamos descendo uma colina íngreme. Consigo ver dúzias de chaminés estreitas de um telhado antigo, rodeado de árvores altas. E é uma mansão vitoriana, uma casa grandiosa. Dentro da propriedade extensa, há um helicóptero branco parado num heliporto. Mesmo a esta distância, tudo irradia a arrogância e a obsessão com o luxo da Sofia. De repente, começo a tremer. Ela não me vai ajudar.

O papá não está aqui para avisar de que a guerra começa no seio da família e que — apesar do hiato atroz de duas décadas desde que nos vimos pela última vez — eu continuo a ser a família dela. A única razão pela qual concordou encontrar-se comigo é por me querer humilhar. Vai ouvir-me, alimentar as minhas esperanças, para depois se rir na minha cara. Vai falar do passado, condenando-me por aquele dia em que nos separámos e em que lhe disse coisas que não devia ter dito. Quero voltar para Londres. Inclino-me para a frente, a tentar formar as palavras para pedir ao motorista que pare e faça inversão de marcha. Ainda não é tarde demais. Mas, então, o meu instinto de sobrevivência intervém, seguido de uma imagem do Philip, e sinto-me envergonhada com a minha fraqueza momentânea. Estou pronta para ir ao encontro do meu destino, se houver a mínima esperança. Hoje, ou me levanto ou caio.

SETE SEMANAS ANTES...

LIVRO
PRIMEIRO

UM

Já estamos em maio, o meu mês preferido. E em vez de ir passear no parque, estou em casa, a sentir-me sufocada, mas incapaz de sair. No noticiário, anunciaram que o centro comercial Paraíso está pronto para a reabertura. Reconstruíram-no, tijolo a tijolo, com a esperança de que as pessoas pudessem esquecer-se de que o fizeram explodir há menos de cinco meses. A repórter está de pé, no jardim da cobertura, com dúzias de clientes a acenar atrás dela. Com o cabelo pelos ombros a esvoaçar ao vento e o impermeável empolado, faz-me lembrar um astronauta a flutuar no espaço. Transpira um ar de triunfo, sem nunca deixar de repetir as palavras «maior e melhor», como se fossem um mantra.

Há um ano, teria sido a primeira a entrar, ansiosa por explorar a gruta dos tesouros. A nova eu não podia estar menos interessada. Estou presa no tempo, ainda a reviver aquele Boxing Day² de há cinco meses em que o Philip não voltou para casa depois do trabalho. No preciso momento em que estávamos prestes a tornar-nos Grandes Consumidores, a começar a constituir uma família... Agora não só desapareceu, como — conforme descobri após o seu desaparecimento — o mesmo aconteceu às poupanças consideráveis da sua conta bancária.

Desligo o Globo e dirijo-me ao meu lugar preferido à janela. Passo aqui mais tempo do que seria saudável, a observar as pessoas

²Feriado celebrado a 26 de dezembro na Grã-Bretanha e em vários países ex-colónias do Império Britânico. [N. T.]

no pátio interior. Os ingredientes obrigatórios da vida da comunidade de Consumidores Médios — um relvado impecável, com uma área de churrasqueira, a piscina aquecida no canto direito e o caminho serpenteante, orlado de flores, que forma um círculo em redor da fonte — deviam animar-me, mas, pelo contrário, enchem-me de uma solidão torturante. Mesmo assim, é demasiado viciante para parar. Quando o pátio fica vazio — à noite ou quando está mau tempo —, os meus olhos são frequentemente atraídos para as janelas dos apartamentos em frente ao meu e permanecem lá por mais tempo do que deviam.

Esta manhã, fui novamente à esquadra da polícia. Por esta altura, já todos me conhecem. Pergunto-me o que pensam realmente, por trás daqueles sorrisos compassivos.

— Está a desperdiçar o seu tempo — disse-me o agente. — Nos dias de hoje, com toda esta tecnologia, quem pode estar mais morto do que os oficialmente mortos?

Provavelmente pensam que estou louca. Por vezes preocupa-me que possam ter razão. Esta esperança disparatada de que o Philip possa estar vivo apenas me prolonga o sofrimento, mantendo-o, até que se transforma numa parte do meu corpo e se infiltra definitivamente nos meus ossos.

A caminho do trabalho, tento respirar, em hora de ponta, no monocarril; na sala dos professores, enquanto os meus colegas tagarelam, penso no Philip. Continua lá, na viagem de regresso a casa, quando saio do monocarril e enquanto escolho os ingredientes para um jantar rápido e solitário. Aonde quer que vá, não consigo evitar procurar os olhos dele na multidão de rostos desconhecidos.

Em fevereiro, recebi a ordem de despejo. Surgiu como um choque, embora eu soubesse que, um dia, teria de me mudar para um apartamento de solteira. Na Câmara Municipal, fingi não ver os rostos repletos de pavor na fila, os rostos daqueles que estavam a ser rebaixados para a condição de Pequenos Consumidores. Continuava a dizer a mim mesma que podia ser pior. Podia ser um deles. As palavras da funcionária da Câmara Municipal foram compreensivas, mas num tom profissional.

— O seu marido não vai voltar. Um casal recém-casado vai precisar do seu apartamento, senhora Brunelli. Tem de sair dentro de três dias. — Digitalizou o meu *ID Phone* e escreveu qualquer coisa no computador. — Está feito — disse. — A partir de agora, vai poder entrar na sua nova casa. Não se preocupe, vai ser tão agradável como a sua casa anterior, do tamanho perfeito para uma pessoa solteira. — Fez-me um sorriso encantador. Eu queria responder, mas tinha a língua presa. — O código de acesso da sua antiga casa será desativado em breve. Por isso, é do seu interesse retirar todos os seus pertences o mais depressa possível. — Dirigiu-me mais um sorriso de incentivo, o equivalente a um abraço, se fôssemos amigas. Voltei para casa como um autómato, com a rua coberta de geada e as pessoas à minha volta esbatidas.

Sei que o polícia tinha razão. Se um localizador de uma pessoa é desativado, há apenas três hipóteses — igualmente desesperadas. Quando se retiram para o Dignitorium, é removido o localizador dos residentes, sendo-lhes extraído cirurgicamente do corpo, o que deixa uma marca, que mal se vê, por trás da orelha esquerda. O mesmo acontece aos menos afortunados que, ao não se qualificarem para o Dignitorium, são forçados a retirar-se da sociedade e são descarregados na Zona, onde ficam a aguardar o seu fim miserável, seja de fome, seja por serem atacados por outros menos afortunados. A terceira hipótese é já estarem mortos, já que o localizador se desliga com a falta da energia com que o corpo humano o alimenta.

A brisa empurra suavemente a cortina de musselina. Prefiro esconder-me atrás dela; se vou ser uma *voyeur*, mais vale sê-lo sem que ninguém me veja. O parque infantil, lá em baixo, está a tornar-se interessante, agora que as famílias estão a terminar os seus almoços de domingo e estão prontas para um passeio para ajudar a fazer a digestão. Pergunto-me, se tivéssemos tido filhos, se teriam sido raparigas ou rapazes? Por uma qualquer razão que desconheço, sempre pensei que o primeiro seria uma menina. Com que estaria ela agora a brincar? Sentar-se-ia no minicarrossel? Ou seria mais

aventureira e estaria a trepar à árvore artificial? Estaria a olhar para a janela, a acenar e a gritar: «Olá, mamã?»

Está a ficar mais concorrido — só o parque infantil isolado, para os filhos de pais sem rendimentos, está vazio, como de costume. Os pais observam as crianças que brincam nos baloiços, as mães estão mergulhadas no *jacuzzi*, com um pulso fora da água, o que segura o *ID Phone* do qual praticamente nunca desviam os olhos. Eu teria sido uma mãe diferente. Mais atenta, menos frívola. Isto é tudo o que me resta agora, observar de cá de cima, com a cortina macia de musselina a bater-me na ponta do nariz.

Recentemente, comecei a arranjar desculpas quando os meus amigos me telefonam a convidar-me para festas de aniversário ou para um fim de semana de compras numa cidade diferente. Por esta altura, os telefonemas e os convites deixaram de surgir. Os olá-como-estás vão sendo distribuídos pela sala dos professores, mas raramente vão mais longe do que isso. Quase mal consigo suportar a companhia de outras pessoas.

Cansada das cenas familiares, olho para o outro lado, para o apartamento em frente. A mulher que o habita está sempre a ler, na varanda, e hoje não é exceção. É jovem e bonita. A única coisa que faz é ler, seja lá em baixo, no pátio, deitada numa cadeira, seja na varanda, baloiçando-se na sua rede cor de laranja. No início, estava sempre a perguntar-me como poderia ela sustentar o Direito de Residência. Já não me faço essa pergunta, agora que sei a resposta.

Pergunto-me o que o Philip teria pensado dela, dado o seu desencantamento recente com tudo o que existe à face da Terra. Costumava dizer que só os idiotas liam ficção; as pessoas fracas e incapazes que preferiam fugir da realidade a enfrentá-la. Parecia que se tinha esquecido dos dias em que, há alguns anos, costumávamos ler livros juntos, aninhados, um de nós a ler em voz alta e o outro a ouvir, de olhos fechados. Depois trocávamos.

— Os livros são portas de entrada para outras dimensões — disse o Philip, na nossa lua de mel, na ilha da Madeira, subitamente, enquanto navegávamos ao longo da costa, num barco alugado, pelas

águas azul-turquesa da baía. — Quando se começa a ler, essa porta abre-se e o outro mundo que está por trás dela começa a atrair-nos lá para dentro.

— Às vezes gostava de poder fechar a porta e de ficar trancada nesse mundo — respondi, em tom de graça, mas ele manteve-se sério.

— Então ficaríamos separados.

— Ou poderíamos ficar trancados juntos. — Ri-me, e quando o vento suave me bateu no rosto e me empurrou o cabelo para trás, o meu coração quase explodiu.

Não é numa dimensão imaginária que me encontro encurralada neste momento, mas neste mundo cruel, frio e terrível. E — o que ainda é pior — estou aqui trancada sozinha. Os que eram importantes para mim desapareceram. Nunca sabemos como a morte dos nossos pais nos irá afetar. Posso testemunhar que um órfão adulto não sofre menos do que uma criança. A minha mãe e o meu pai voltam muitas vezes nos meus sonhos, por vezes sob a forma de pesadelos. Vejo a mamã inclinada sobre alguém. É o papá, que está de rosto virado para baixo. A mamã começa a gritar. Neste ponto, acordo quase sempre a transpirar, com os meus batimentos cardíacos no máximo. Felizmente, este sonho assalta-me raras vezes. Normalmente, vejo-os como os vi da última vez, naquele dia de outono de há quatro anos, quando a reforma deles no Dignitorium chegou ao fim e eu me deixei ficar sentada no banco diante do edifício principal. O papá não queria que eu os acompanhasse até à entrada da Ala T. Disseram que estavam prontos para partir e mantiveram as cabeças bem erguidas, mas nunca soltaram a mão um do outro. Como se estivessem a agarrar-se à única coisa certa. É como os vejo agora, quando sonho, a caminhar para longe de mim, de mãos dadas, e, quanto mais caminham, mais luminosos surgem, até o brilho deles ser como uma estrela diamantina.

Uma brisa entra pela janela e a pequena sala de estar deixa escapar rapidamente o calor. Na minha casa antiga, podia sentar-me lá fora, no terraço privado do telhado, se precisasse de apanhar sol. Houve

muitas coisas que não pude trazer do apartamento antigo, como a bicicleta de exercício do Philip. Talvez seja melhor assim, para não ter de a ver ali abandonada e sem uso. Olho para o relógio e o meu estômago contrai-se. A cada hora que passa, estou mais perto de amanhã, a segunda-feira temida em que o pesadelo no trabalho recomeça.

Na sexta-feira, Leo Sullivan, o diretor da escola, chamou-me ao seu gabinete. Eu já estava à espera, depois de não ter reparado que três alunos não tinham voltado para a sala de aulas depois do intervalo. Nem a Segurança os conseguiu encontrar, e tiveram de chamar a polícia para detetar os localizadores. Por um breve período de tempo, recearam a repetição dos famosos sequestros — foi a primeira coisa que veio à cabeça de toda a gente —, mas, felizmente, não foi isso que aconteceu. Encontraram-nos, a fazer gazeta, num centro comercial próximo. Leo, um homem de família exemplar, do tipo que veste diariamente uma camisa acabada de engomar e decora a secretária com fotografias da mulher e dos filhos, tinha-me aconselhado, nas últimas semanas, a procurar ajuda; pensei que não havia nada de novo para dizer. Desta vez, o tom dele era mais severo.

— O que aconteceu hoje no Ano 8 vai custar-lhe 3 pontos de penalidade.

— Peço desculpa, Leo.

— Com estes 3 pontos, fica agora com 13.

— Isso é impossível! — olhei para ele fixamente e incrédula. Ele apontou para o ecrã do computador, para que eu visse. Não podia ser verdade! Em setembro, no início do novo ano letivo, eu tinha apenas 5 pontos, que se tinham ido acumulando ao longo dos anos.

— Olhe, Alice, não a julgo; na verdade, simpatizo profundamente consigo. Mas se um pai denuncia a escola, não é a Alice, mas eu, quem fica em apuros.

— Lamento muito. Não tenho andado... muito bem.

— Eu sei.

— Não faz a ideia do esforço que implica para mim ter de me levantar da cama todas as manhãs, de como me esforço para lidar até com as tarefas mais simples.

— Tenho de lhe dizer uma coisa, mas tem de ficar entre nós. — O tom dele suavizou-se para um mais amigável. — Foi diagnosticada esclerose múltipla à minha mulher. — Baixou o tom de voz, apesar de não haver ninguém em volta. — O estado dela está a agravar-se, parece que nunca irá conseguir sustentar o Direito de Residência. Não me posso permitir perder o crédito que tenho neste trabalho.

Nesta fase, parecia estar a suplicar-me que me recompusesse.

— Eu compreendo — disse-lhe. — A última coisa que pretendo é causar-lhe problemas.

— Então procure ajuda.

— Mesmo que pudesse pagar a um psiquiatra, ele não me traria respostas.

Ele prometeu ver o que podia fazer. Quando voltou a falar comigo, da parte da tarde, deu-me uma lista de conselheiros para situações de crise, disponíveis gratuitamente através da Câmara Municipal. Candidatei-me logo. Foi-me sugerido que, entretanto, procurasse ajuda adicional no *Mini-med*.

Outra vez o *Mini-med*! Por amor de Deus, o que eu tenho não é uma banal constipação nem uma infeção — como é que uma aplicação alguma vez poderá compreender aquilo por que estou a passar?

Corro os estores, como se com esse gesto me pudesse proteger do mundo exterior. Amanhã, tenho de voltar para a escola. Com os meus 13 pontos de penalidade, estou perigosamente perto de atingir o máximo, 20, o que levaria à minha suspensão. Não me posso permitir cometer mais nenhum erro. Estou a olhar para o meu *ID Phone*, que está em cima da mesa, a namoriscá-lo. Por um qualquer motivo, sempre fui contra a ideia de utilizar o *Mini-med* para sintomas não físicos. Mas que mal pode fazer? Seja como for, e como acontece com toda a gente, pago pelo serviço. Por uma subscrição mensal, temos este médico de alta tecnologia disponível para nos atender dia e noite. Era criança quando o sistema antigo colapsou, por isso tenho apenas recordações vagas de ir a uma consulta com um médico. Contudo, a minha mãe recordava muitas vezes o horror de esperar longas horas num espaço confinado e mal iluminado,

tendo de o partilhar com outras pessoas doentes, sobretudo crianças e idosos.

Pego no *ID Phone* e ativo o *Mini-med*. Um homem grisalho, de bata branca, cumprimenta-me.

— Boas-tardes, Alice. — Apresenta-se como Dr. Graham. Os seus modos são profissionais, e apenas a falta de quaisquer oscilações no seu tom de voz denuncia não ser real. Enquanto tento explicar o meu problema em algumas frases, resumindo-o, há mais perguntas direcionadas que me surgem. A minha tensão arterial e as outras funções corporais são-me medidas. Depois, após uma breve espera, os resultados são processados. O diagnóstico é depressão e exaustão de média gravidade. São recomendados quatro tipos de medicamentos, mas não consigo acompanhar as descrições extensas, por isso deixo que seja o *Mini-med* a escolher. Seleciona um. Pago. O Dr. Graham reaparece no ecrã. — O seu medicamento chegará dentro de duas horas. Para ajudar na sua recuperação, recomendo uma compilação de música clássica relaxante. Por favor, consulte a seleção disponível no seu Globo. Adeus, Alice, e obrigado por utilizar o *Mini-med*.

Quando o Globo se liga, a projeção esférica em 3D é transmitida do teto para a divisão. Comuto para o modo de música e digito Johann Sebastian Bach. O papá ensinou-nos a ouvir música, pelo que, ao contrário da maior parte das pessoas de hoje, conheço muitos dos grandes compositores. Era uma das coisas que eu tinha em comum com o Philip. Nesse aspeto, éramos raros, anomalias.

LONDRES, 2050. A CRISE SOCIOECONÓMICA TERMINOU E AS POLÍTICAS DE INCENTIVO AO CONSUMISMO NÃO PARAM DE SURGIR.



Ser proprietário de terrenos fora da cidade é privilégio de uma elite, sendo que a restante população apenas obtém o seu Direito de Residência se o dinheiro que gastar for suficiente para alcançar um dos patamares do estatuto de Consumidor. O envelhecimento foi abolido graças a uma nova e radical abordagem, que substitui a reforma por uma feliz eutanásia num Dignitorium, embora os mais desfavorecidos sejam deixados à sua sorte, longe da vista daqueles que efetivamente contribuem para a sociedade.

Alice é uma Consumidora Média. Depois do desaparecimento de Philip, arrisca-se a perder a casa e o seu estatuto social, começando a pôr em causa a sociedade em que foi criada e que o próprio marido ajudou a construir. Na demanda pelo paradeiro de Philip, ela acaba por descobrir algumas verdades horrendas acerca do que aconteceu à sua família no passado e da crueldade que se esconde por detrás da nova hierarquia social.

***Terra de Lobos é uma poderosa visão distópica,
no espírito de Black Mirror, que agrada a fãs
de História de uma Serva e Nunca me Deixes.***

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-564-000-3  9 789895 640003 Literatura Fantástica
--	---